

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS VERNÁCULAS**

**EDNA DE PAULA AMBRÓSIO**

**A TRAJETÓRIA DA MULHER MOÇAMBICANA NA OBRA NIKETCHE:  
MULHERES SULISTAS E NORTISTAS**

Florianópolis  
2018



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

AMBROSIO, EDNA  
A TRAJETÓRIA DA MULHER MOÇAMBICANA NA OBRA NIKETCHE:  
MULHERES SULISTAS E NORTISTAS / EDNA AMBROSIO ;  
orientador, Susan Aparecida de Oliveira , 2018.  
52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Letras português. 2. Feminismo. 3. Moçambique. 4.  
Cultura. 5. Chiziane. I. , Susan Aparecida de Oliveira.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Letras Português. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



**DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS-  
PORTUGUÊS**

**TÍTULO**

**“A trajetória da mulher moçambicana na obra  
Niketche: mulheres sulistas e nortistas”**

**ACADÊMICA:**

**Edna de Paula Ambrósio**


**DATA: 30 de novembro de 2018 (sexta-feira)**

**HORA: 16h**

**LOCAL: Sala 215 – Bloco B – CCE**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susan Aparecida de Oliveira (DLLV/UFSC)  
Orientador e Presidente da Banca

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Telma Scherer (DLLV/UFSC)  
Membro Titular

  
Me. Gisele Krama (UNESA/Doutoranda em PosLit/UFSC)  
Membro Titular

  
Me. Carla Cristiane Melo (Doutoranda em PosLit/UFSC)  
Membro Suplente

Edna de Paula Ambrósio

**A TRAJETÓRIA DA MULHER MOÇAMBICANA NA OBRA NIKETCHE: MULHERES  
SULISTAS E NORTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para  
obtenção do Grau de Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e  
Literaturas.

Orientador: Profa. Dra. Susan Aparecida de Oliveira.

Florianópolis  
2018

Edna de Paula Ambrósio

## **A Trajetória da Mulher Moçambicana na Obra Niketche: Mulheres Sulistas e Nortistas**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado para obtenção do título de Bacharel em Língua Portuguesa e Literatura pelo Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 30 de Novembro de 2018.

---

Prof. Dr. Pedro de Souza- Coordenador  
Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas - UFSC

### **Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>ta</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susan Aparecida de Oliveira - Orientadora  
Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas – UFSC

---

Prof<sup>ta</sup> Dr<sup>a</sup>. Telma Scherer  
Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas – UFSC

---

Msc. Gisele Krama  
Departamento de Línguas e Literaturas Vernáculas – UFSC

A Deus,  
ao meu Avô Setembrino Amálio (in memoriam),  
ao meu marido José Marcos Faccin Guimarães.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me orientou a seguir por esse caminho até aqui desde o início.

Ao meu marido, José Marcos Faccin Guimarães, que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma. O seu incentivo, amor e cumplicidade fizeram com que eu continuasse a caminhada. Você é um exemplo a ser seguido, por isso, te admiro tanto.

À minha orientadora Susan Aparecida de Oliveira, por me orientar, pela confiança, gentileza e pelo ser humano incrível que é.

À minha sogra Zalenca e ao meu sogro Martiniano, vocês dois foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Ao casal que ganhou o meu coração, Daisy Zamira Delgado Mendez e Carlos Fernando Quintero Quintero. Foram meus irmãos em Cristo, fui e ainda sou cuidada e muito amada por vocês, gratidão por nossa amizade.

À minha anja Flora Maria Aparecida Mendes Carneiro ministra da Paróquia Santíssima Trindade que cuidou de mim nos momentos difíceis e sorriu comigo nos momentos de alegria. Serás para sempre a minha anja.

Ao casal de Professores Patrícia de Oliveira Farias e Marcos Aurélio Marques Noronha, muito obrigada pela amizade e por tudo que fizeram por mim.



*“Eu sou aquela que tem um espelho como companhia no quarto frio. Que sonha o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar.” (CHIZIANE, p.64)*

## RESUMO

O Romance *Nicketche*, de Paulina Chiziane, publicado no Brasil em 2004 pela editora Companhia das Letras traz uma personagem que dá voz à outras mulheres. A personagem Rami é uma mulher de sentimentos doces, mãe exemplar, esposa obediente que sabe cuidar dos afazeres da casa. Casada há 20 anos com o policial Tony, percorre as casas das amantes do marido até o dia em que Rami resolve abrir a relação, ela procura saber quem é cada amante envolvida com Tony e decide se aproximar. A narradora pode ser vista como a que dá sentido à história, com a aproximação dela para com as amantes e Tony, a família do marido é chamada para resolver os conflitos entre o casal. A sogra de Rami é a favor para que haja o direito de reconhecimento familiar com as esposas ocorrendo então a cerimônia de lobolo, que é quando a família do marido paga com um valor em dinheiro ou até mesmo com gados para casar, o valor fica com a família da noiva. Diante dos conflitos, a personagem recorre aos seus pais, depois à tia Maria, consulta a conselheira amorosa para ajudá-la a afastar Tony das amantes. Um ponto da história que chama bastante atenção, é a união das mulheres, a qual, todas elas se permitem fazer dessa irmandade. Há todo um respeito, gratidão e admiração, das demais mulheres pela personagem Rami. O gesto de emprestar dinheiro por parte de Rami para ajudar as demais mulheres a alcançarem o sucesso profissional nos negócios faz com que ela seja uma referência de superação por ser mulher negra, traída. Mas que supera a solidão do lar, ensina suas “irmãs”, a encontrarem o sentido do amor dentro de suas casas. Com isso, pretendo analisar a personagem Rami, o contexto em que a autora construiu a personagem, e destacar se houve intenções feministas por parte da autora na construção da sua personagem principal. As personagens femininas que integram o caso de poligamia serão relatadas para evidenciar as diferentes culturas e costumes de cada região, no sul e norte de Moçambique. Essa análise tem como objetivo identificar os aspectos sociais, aspectos históricos como base da sociedade patriarcal.

**Palavras-chave:** Feminismo, Mulher, Moçambique, Chiziane, Cultura.

---

<sup>1</sup>Segundo o dicionário de Moçambique a palavra lobolo refere-se ao dinheiro ou conjunto dos bens pagos pelo noivo à família da noiva quanto ao pedido de casamento.

## ABSTRACT

The Romance *Nicketche*, by Paulina Chiziane, published in Brazil in 2004 by Editora Companhia das Letras, brings a character that gives voice to other women. The character Rami is a woman of sweet feelings, exemplary mother, obedient wife who knows how to take care of the chores of the house. Married for 20 years with Officer Tony, walks through the houses of husband lovers until the day that Rami decides to open the relationship, she seeks to know who is each lover involved with Tony and decides to approach. The narrator can be seen as the one that gives meaning to the story, with her approximation to the lovers and Tony, the husband's family is called to resolve the conflicts between the couple. Rami's mother-in-law is in favor of having the right to family recognition with the wives occurring then the Lobolo ceremony, which is when the husband's family pays with a value in cash or even with cattle to marry, the value stays with the bride's family. In the face of conflicts, the character Resorts to his parents, then to Aunt Maria, consults the loving counselor to help her to ward off Tony from lovers. One point in the story that draws a lot of attention, is the Union of women, which, all of them allow themselves to be made of this brotherhood. There is a whole respect, gratitude and admiration, of the other women by the character Rami. The gesture of lending money on Rami's part to help other women achieve professional success in business makes her a benchmark for overcoming being a black woman, betrayed. But that overcomes the loneliness of the home, teaches their "sisters," to find the meaning of love within their homes. With this, I intend to analyze the character Rami, the context in which the author built the character, and highlight whether there were feminist intentions on the part of the author in the construction of her main character. The female characters that integrate the polygamy case will be reported to highlight the different cultures and customs of each region, in the south and north of Mozambique. This analysis aims to identify the social aspects, historical aspects as the basis of patriarchal society.

Keywords: Feminism, Woman, Mozambique, Chiziane, Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. AUTORA E OBRA</b> .....	14
1.1 Rami.....	20
1.2 A relação de poligamia em Moçambique .....	23
<b>2. CONTEXTO SOCIAL</b> .....	26
2.1 As amantes de Tony.....	26
2.2 Relação entre Rami e as amantes de Tony .....	28
2.3 “Hexágono Amoroso” .....	30
2.4 As transformações de Rami .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o romance *Niketche*, uma obra da autora Paulina Chiziane (2004) que conta a história de poligamia entre um casal e mais quatro mulheres, inicialmente. Chiziane aborda questões do âmbito familiar em que a mulher vive, o papel da mulher na sociedade moçambicana, seus costumes em meio ao povo de origem. O homem moçambicano do Sul e sua figura machista.

Diante disso, pretendemos analisar a personagem protagonista da história, Rami. É ela quem narra toda a história em primeira pessoa, que se posiciona em defesa própria e de outras mulheres nos momentos em que são oprimidas pelo homem e por toda a sociedade.

Num primeiro momento, serão apresentados os dados da autora, sua obra resumida e falaremos da personagem principal.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro falando da autora e da personagem no segundo capítulo falaremos dos outros personagens na obra, suas relações com a protagonista e transformações da personagem Rami. Por fim, temos como principal objetivo analisar o contexto que influenciou a autora para a construção da personagem feminina da obra, identificar os aspectos sociais e históricos como base da sociedade patriarcal. Além de *Niketche: uma história de poligamia*, publicado em 2004 no Brasil pela editora Companhia das Letras, a autora também escreveu: *Niketche: uma história de poligamia*, publicado em (2002), *Balada de amor ao vento* (2003), *Ventos do apocalipse* (1999) e *O alegre canto da perdiz* (2008) publicados em Lisboa, Portugal, pela Editorial Caminho.

## 1. AUTORA E OBRA

Paulina Chiziane, escritora moçambicana, nascida em Manjacaze, província de Gaza, cresceu nos subúrbios de Maputo onde se encaminhou nos estudos. Foi ainda pequena, para a capital, na época chamada Lourenço Marques, e lá realizou seus estudos, vivenciou em seu cotidiano as histórias contadas pelos seus familiares, os problemas do colonialismo: exploração, segregação, injustiças. Concluiu sua formação numa escola comercial, antes da independência. Após a Independência, Paulina trabalhou no Ministério da Saúde, na Cruz Vermelha, reiniciou seus estudos na Universidade.

Chiziane não aceita ser chamada de romancista prefere dizer que é contadora de histórias, por ter aprendido com sua avó ouvindo na sua infância e adolescência em volta das fogueiras em família. Iniciou sua atividade literária em 1984, tendo contos publicados na página literária do jornal “Domingo” e no semanário “Tempo”. Ainda hoje trabalha e vive na Zambézia.

Em 1990 tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Dentro das histórias e através dos personagens a autora questiona tradições, religiões e o papel social da mulher moçambicana. Recebeu muitas críticas de setores sociais conservadores de Moçambique. Contudo, Paulina não parou, nem se intimidou, tanto que, no ano de 2003 venceu o prêmio José Craveirinha com o seu livro Niketche. A autora escreve uma literatura sobre suas raízes culturais, as vivências de tempos difíceis, o que ela via ao seu redor, escreve sobre o amor, a mulher, a África, o debate entre a tradição e a modernidade. Através de sua obra percebe-se o quanto a autora quer trazer o leitor para a realidade de mulheres tão distintas umas das outras.

Em entrevista para a revista Scripta, no ano de 2010, conta o que a motivou a escrever o livro:

Rosália Diogo: Por que você escreveu Niketche?

Paulina Chiziane: Você quer saber a verdade mesmo? Eu sou do Sul, mas fui criada aqui em Maputo. A região de Gaza é de um machismo terrível. Nasci em um ambiente da religião cristã. Meus pais são presbiterianos. Eu fui para a escola católica e tive a formação de uma identidade feminina bem rígida, patriarcal, etc. Sempre ouvi falar da cultura patriarcal, mas era algo bem longe da minha realidade. Quando chego na Zambézia, que é uma província no Norte do país, a trabalho, encontro uma sociedade patriarcal em que os comportamentos masculino e feminino são completamente diferentes do que eu vivia e observava no Sul. Primeiro foi um choque, depois me diverti com isso. E daí escrevi o livro, inspirada nas mulheres da Zambézia e pensando “aquelas mulheres são loucas”.

Ainda agora parece que estou a ver aquelas mulheres sentadas em volta de uma mesa, comendo, bebendo cerveja e conversando naturalmente, sem

perceber que eu estou fazendo a minha pesquisa. E eu ouvi coisas que nunca imaginei ouvir na vida. (Diogo, Rosália E.G. in MIRANDA e SECCO, p. 362, 2013)

m

Trazemos a entrevista de 2002, em que ela fala do seu livro ao jornalista Rogério Manjate, da Revista Moçambicana Maderazinco. Respondendo e esclarecendo suas intenções na forma a qual escreve para mulheres.

Estou-me nas tintas... que o chamem. Eu sou uma mulher e falo de mulheres, então eu sou feminista? É simplesmente conversa de mulher para mulher, não é para reivindicar nada, nem exigir direitos disto ou daquilo, porque as mulheres têm um mundo só delas e é isso que eu escrevi, e espero que isso não traga nenhum tipo de problemas, porque há ainda pessoas que não estão habituadas e não conseguem ver as coisas com isenção. O livro tem uma mensagem escondida: as mulheres, de mãos dadas, podem melhorar o seu mundo - foi o que aconteceu ao longo da história. Fizeram das diferenças um mosaico belo e melhoraram as suas vidas. Quero apenas dizer que não há norte sem sul e vice-versa. Todos precisamos uns dos outros. E uma mensagem de unidade nacional se assim se pretende. Uma aventura entre os hábitos sexuais do Norte e do Sul, o confronto entre a cultura do matriarcado e do patriarcado. Mas tudo acaba bem. (CHIZIANE, 2002, p.2).

A autora relatou na entrevista que escreveu aquilo que seus olhos viram num determinado dia na Zambézia, onde ela diz que “aquelas mulheres eram loucas” Por estarem sentadas, bebendo e conversando entre elas, situação bem diferente das mulheres de Maputo.

Em *Niketche – Uma história de poligamia*, a história é contada e narrada pela personagem Rami em primeira pessoa. Ela vive um casamento desgastado, em crise com o seu marido Tony, que é comandante da polícia. Eles são casados há 20 anos dentro dos preceitos da religião cristã.

Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! (CHIZIANE, 2004, p. 14)

Rami sempre respeitou o seu papel de dona de casa, abrindo mão das suas vontades e opinião para agradar ao marido. O marido, Tony, raramente fica em casa com sua família, aparece apenas para tomar banho e fazer as refeições. Está a maior parte do tempo na casa de alguma de suas amantes ou no trabalho.

A personagem central percebia a ausência do marido em casa, na educação dos filhos, porém ela importou-se com a situação, a partir do acontecido entre seu filho caçula Betinho e um homem estranho, ao jogar uma pedra no vidro de um carro. Rami conseguiu entender a necessidade da presença do marido no dia a dia dela e dos filhos. “Esta falta de ordem é falta de homem nesta casa – desabafo. O Tony é o culpado de tudo isso. Sempre ausente. (CHIZIANE, 20014, p. 12)

A narradora, após ouvir as vizinhas e desculpar-se com o homem que teve o vidro do carro quebrado, isola-se em seu quarto e desabafa com o espelho, percebe na imagem que vê dela no espelho, o quanto foi feliz um dia e gostava de cantar.

Na manhã seguinte, a personagem/narradora acorda pronta para lutar, diz querer mudar o mundo dela. Segue atrás das informações que sabia, bate na casa que poderia estar o Tony, mas quem a recebe é a sua primeira rival. Julieta tem cinco filhos do Tony e mais um na barriga, foi enganada por ele quando ainda era bem menina, na promessa de casamento e de que se divorciaria de Rami, algo que nunca aconteceu.

As duas brigam e depois conversam. Após o desentendimento Rami consegue perceber que Julieta é uma mulher sofrida, além de enganada, passou a esperar por alguém que pouco pousa em sua cama. A esposa traída segue por mais lugares e descobre que tem mais amantes na história.

Mas – pergunto - se não está aqui, onde está, então?  
Nos braços de uma terceira talvez.  
- Terceira?  
- Sim, terceira.  
- Será?  
- Mais nova que nós as duas. Mais bela, dizem. Mais fresca que uma alface.  
-Conheces?  
\_ Conheço. Já andamos à pancadaria umas tantas vezes.  
- Mas...Julieta, como podes andar à pancadaria por um marido que nem é teu?  
- E o que significa a palavra teu, quando se trata de um homem?  
(CHIZIANE, 2004, p. 25)

Rami localiza e conhece de perto cada uma das quatro mulheres chamadas Julieta, Luísa, Saly e Mauá, são de diferentes lugares com muitos filhos, sendo estas das regiões: Maputo, Inhambe, Zambézia e Nampula.

Rami após todas as suas tentativas em reconquistar Tony, percebe que nada deu certo, mas que unindo-se com as rivais, é uma maneira de estancar as traições garantindo-a próxima dele sem perder o posto de primeira esposa.



A urgência de transformar este amor atrai-me perigosamente para caminhos nunca antes pisados. Eu, mulher casada há vinte anos, mãe de cinco filhos, experiente, andei de boca em boca, de ouvido em ouvido, auscultando de toda a gente a forma mais certa de segurar marido. (CHIZIANE, 2004, p.31).

Assim que soube da situação matrimonial do filho, a mãe do Tony exigiu que todas as mulheres dele, fora do casamento com Rami fossem loboladas onde o marido paga um valor em dinheiro ou gados pela esposa para a família dela.

A mulher quando lobolada não fica com o dinheiro, que foi pago para tê-la, pois, cabe a família dela ficar com o valor. Esse momento cultural que a mulher passa no sul de Moçambique é o que simboliza o lobolo. “o lobolo não pode ser um dote – porque não acompanha a noiva, mas é recolhido a família desta – nem um pagamento”. (TAIBO, 2012, p. 34)

O lobolo é uma união espiritual entre as famílias, mas ocorre um valor dado para a família da esposa. Segue os detalhes do dia em que as amantes de Tony foram loboladas.

O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reconhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama. Depois fez-se lobolo da Lu e dos filhos. As nortenhas espantaram-se. Essa história de lobolo era nova para elas. Queriam dizer não por ser contra os seus costumes culturais. Mas envolve dinheiro e muito dinheiro. Dinheiro para os pais, dinheiro para elas, e para os filhos. Dinheiro que faz falta para comer, para viver, para investir. (CHEZIANE, 2004, p. 124-125)

A convivência entre as famílias, após o lobolo, passa a ser mais harmoniosa entre Rami e as outras esposas. Após as reclamações do marido, ela então instiga à outras esposas em buscar um trabalho informal para terem uma renda dela, sem precisar depender exclusivamente de Tony. Rami emprestou um dinheiro para Saly investir no próprio negócio dela e logo conseguiu reaver o dinheiro emprestado que passou para a Luísa, depois Mauá e, por último, para a Julieta. Elas tornaram-se donas dos seus negócios. As mudanças nas áreas financeira dessas mulheres deve-se à ajuda de Rami, que percebeu em cada mulher um talento para o negócio. O trabalho informal proporcionou a todas as mulheres de Tony coragem para viver, amar e vencer, fazendo delas mulheres donas de si mesmas.

- Com as tuas mãos transformaste o nosso mundo, não transformaste, Rami? Dominaste as feras que viviam nas nossas almas. Antes de ti, a guerra era brava. Éramos cadelas soltas na lixeira guerreando-nos pelo Tony, esse osso velho. Éramos estrelas errantes, amorfas. Sopraste-nos com a brisa da tua alma e devolveste-nos o brilho. Tiraste um pouco da tua chama e acendeste as

nossas velas. (...) temos segurança, mesmo que o ex-morto morra. (...) O mundo é meu espelho, o meu quarto, o meu sonho. O mundo é o meu ventre. O mundo sou eu. O mundo está dentro de mim.

- Há maravilhas nas coisas que construístes, Rami. O Tony, coletor de mulheres, e tu, coletora de almas amarguradas, coletora de sentimentos. Congregaste à tua volta mulheres amadas e desprezadas. És brava, Rami. Semeaste amor onde só o ódio reinava. Tu és uma fonte inesgotável de poder. Transformaste o mundo. O nosso mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 254-255)

Enquanto isso, Tony consegue uma maneira de aparecer com outra mulher, Eva. Nessa fase, o personagem Tony é dado como morto, após ele não fazer contato com a família, ocorre um acidente e o corpo do morto foi reconhecido como Tony. A verdade é que Tony aceitou carona de Eva até o aeroporto e foi viajar para Paris com Gaby. Rami tem pressa para que o enterro do corpo daquele desconhecido homem, que apareceu num ótimo momento para que Tony não pudesse dar continuidade no pedido de divórcio com Rami.

Porém, aparece Eva que sabia do paradeiro do falso morto, quase colocou os planos de Rami por água abaixo, ela queria que Rami parasse aquele engano, pois teria provas documentadas caso fosse necessário. A personagem central explicou à Eva suas razões em não parar a farsa do velório, depois foi Eva que esclareceu não ter nenhuma intimidade com Tony, apenas amizade.

Eu sou a Eva, não me conheces. Sou amiga do Tony. Na noite do mesmo dia, o Tony foi de férias para Paris. Eu mesma o levei ao aeroporto. Não vos despediu por razões que não interessam, de momento. Fiz o check-in. Vi-o a embarcar. Ele chegou e telefonou na manhã seguinte. Pode alguém estar vivo e morto ao mesmo tempo? (CHIZIANE, 2004, p. 214-215)

No capítulo 29, a personagem Rami narra a forma que as mulheres moçambicanas eram tratadas pela família do marido depois de sua morte.

Agora falam do Kutchinga, purificação sexual. Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado acto, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas do Tony? Fico assustada. Revoltada. Minha pele se encharca de suor e medo. Meu coração bate de surpresa infinda. Kutchinga! Eu serei techingada por qualquer um. E todos aguçam os dentes para techingani mim. A parede é firme e fria. Ampara-me. O dorso do chão é duro, é seguro.

Suporta-me. É tão cruel e tão malvada esta gente... Peço a qualquer Deus qualquer socorra, Ninguém me ajuda, nem Deus, nem santos. Kutchinga é lavar o nojo com beijo de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. Kutchinga é carinho, marca de propriedade. Mulher é lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda. De repente me vem uma pergunta louca: existirá alguma mulher que, no acto de kutchinga, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio dessa desgraça, há uma coisa boa. Com a falta de homens que dizem haver, é bom saber que a viuvez me reserva um outro alguém, mesmo que seja de vez em quando. É confortante saber que tenho onde encostar o meu ombro sem precisar de andar pelas ruas a vender os meus encantos diminuídos pelo tempo. Incesto? Incesto não. Apenas levirato, Incesto só há quando corre o mesmo sangue nas veias. (CHIZIANE, 2004, p. 212)

Ao retornar da viagem Tony aparece na casa onde viveu com Rami, percebe que algo de estranho ocorreu ali, vai até Rami e pede desculpas buscando entender qual razão fez seus familiares agirem de tal forma com sua esposa.

— O quê?  
— É a mais pura verdade.  
— Quando?  
— Há poucas horas, nesta madrugada. Sou tchingada de fresco.  
Ele olha para o relógio. São dez horas da manhã.  
— Quem foi o tal?  
— Foi o Levy  
— Não reagiste, não resististe?  
— Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa.  
E o homem que se dizia polígamo foi ao chão ao saber que a sua esposa dormiu com o seu irmão Levi. (CHIZIANE, 2004, p. 127)

A primeira esposa a abandonar Tony é Luiza, que casou com Vito, o qual era o seu amante. Depois a Julieta que conheceu um português rico, a Saly conseguiu que um padre italiano deixasse a batina por ela, por fim a Mauá arrumou um outro amor. Tony nos braços de Rami parece um morto vivo, sem direção, sem chão “Fica uns minutos intermináveis a contemplar o vazio. Era uma ilha de fogo no meio da água. Solto-o. Não cai, mas voa no abismo, em direção ao coração do deserto, ao inferno sem fim”. (CHIZIANE, 2004, p. 33)

## 1.1 Rami

A trajetória da personagem Rami, mais precisamente os fatos que antecederam a descoberta da relação de poligamia do seu marido, apresenta Rami e sua solidão.

A personagem central inicia a narrativa abatida e carente, o que a lança numa demanda totalmente diferente daquela empreendida pela figura masculina central. Se Tony dedica seu tempo a uma egocêntrica e destrutiva busca carnal e material (sexo e poder), Rami buscará inteireza, o preenchimento dos seus vácuos: saber, emoção e companheirismo. (CORRÊA, 2008, p. 1)

Percebe-se a confusão de sentimentos na personagem Rami, ela se questiona diversas vezes em frente ao espelho do porque estar triste enquanto a outra Rami do espelho está sorrindo. O espelho reflete a verdadeira imagem da personagem, uma mulher feliz que gosta de sorrir, de arrumar-se, de cantar e viver. A mulher refletida no espelho é a Rami, antes de cair num casamento de solidão.

Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim.  
— Quem és tu? — pergunto eu.  
— Não me reconheces? Olha bem para mim.  
— Estou a olhar, sim. Mas quem és tu?  
— Estás cega, gémea de mim.  
— Gémea? Não sou gémea de ninguém. Dos cinco filhos da minha mãe, não há gémeo nenhum. Estou diante do meu espelho. Que fazes tu aí?  
— Estás cega, gémea minha. Por que choras tu?  
Solto da boca uma enxurrada de lamentos. Conto toda a tristeza e digo que as mulheres deste mundo me roubam o marido. (CHIZIANE, 2004, p. 15-16)

A personagem ao se ver resolvendo a situação causada pelo filho caçula, tem ainda que ouvir vizinhas falando da falta que o homem faz na casa de uma mulher. Contudo, Rami é a única mulher da região que ainda tem um homem em casa para chamar de marido, pois é mais comum ver homens casados saírem pela madrugada para dormirem na casa de mulheres que criam filhos sozinhas.

Eu sou a única que ainda vê rosto de homem de vez em quando – só para vir comer e mudar de roupa. Não há homens neste bairro, as mulheres é que governam as famílias, mas quando a noite cai, veem-se muitos homens a entrar e a sair de algumas casas como ladrões, sorrateiramente. São homens casados, com certeza, e dessas relações nascerão filhos, muitos dos quais morrerão sem conhecer o pai. (CHIZIANE, 2004, p. 13)

Rami sempre soube que Tony andava atrás de outras mulheres mesmo casado com ela. A personagem entende que o seu marido não comparece mais na relação de homem e mulher, de que ela deve fazer algo para mudar a situação ou poderá perder Tony de vez.

Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. Os seus antigos namoricos eram como chuva miúda caindo sobre os guarda-chuvas, não me atingiam. (CHIZIANE, 2004, p. 14)

Rami de tanto chorar vai ao espelho olhar o seu rosto, não percebe que existiu uma Rami sorridente e feliz, imagem a qual o espelho irá refletir, porém ela inicialmente não percebe, é nesse contexto que ocorre um reencontrar-se e uma reconstrução da personagem. “Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procuro-me. (CHIZIANE, 2004, p. 14)

De acordo com Eloíza Porto Corrêa a personagem se depara com uma confusão, tanto fora como dentro de si, e começa a busca por uma identificação por causa dos problemas que está vivenciando.

A primeira viagem iniciada por Rami em busca da inteireza será para dentro de si mesma, através da reflexão, pela busca do autoconhecimento, da análise de seus próprios dramas em diálogo com o espelho. Esta auto-investigação acaba se projetando para fora, lançando a narradora-personagem na difícil tarefa de entender o feminino. (CORRÊA, 2008, p. 1)

A narradora diz que ao se olhar no espelho percebe a existência de alguém do outro lado, mas não a conhece, nem sabe dizer de onde ela saiu. Nesse trecho percebemos que a personagem está confusa, podemos dizer que a mulher refletida no espelho é o *eu* da personagem, o seu inconsciente trazendo a ela lembranças de uma mulher que um dia foi feliz. Segundo Silva, “o espelho quando é evocado pela personagem, funciona como um impulso para a sua descoberta por suas múltiplas identidades femininas da personagem”. (SILVA, C. R. M. da. in MIRANDA e SECCO, p. 109, 2009). Como podemos perceber nesse trecho da obra: “Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci. (CHIZIANE, 2004, p. 15)

A personagem Rami reconhece diante do espelho que, no alto dos seus quarenta anos, não tem um belo corpo e que por isso compreende que jamais ganharia das suas concorrentes jovens.

Através do seu espelho ela salienta com lucidez um argumento importante que pode se tornar um problema para uma mulher de certa idade: o seu físico não a ajuda, ela reconhece de maneira implícita que perderia concorrentes mais jovens. (BADOU, 2010, p. 76)

O espelho faz o papel da outra Rami criada para desabafar com a personagem principal, a qual se sente sozinha, utiliza de uma metáfora para gritar suas dores, dúvidas e medo. Fala da sua situação amorosa e de toda uma sociedade que precisa ser revista. Como Robson Dutra esclarece:

É por sinal diante do espelho e das múltiplas refrações que esta superfície metaforiza, que Rami interroga a sociedade moçambicana e os estatutos que asseguram ao homem o direito de possuir várias esposas; é ali que se dá o Locus de questionamento que a faz indagar o porquê de, apesar de seu casamento ser urbano e realizado segundo premissas cristãs, a personagem tem de enfrentar a poligamia do marido. É ali, por fim, que a personagem tenta entender as razões pelas quais as amantes aceitaram Tony em suas casas, apesar das suspeitas acerca de seu casamento e aventuras. (DUTRA, 2005, p. 39).

Badou diz que as personagens são retiradas da realidade e inseridas na ficção para que revelem as diversidades culturais, bem como a dança, rituais repassados por familiares de outras gerações. Paulina Chiziane cria personagens que saem do universo ficcional para inserir num ambiente real e transmitir uma mensagem, que é a volta dos preceitos que regiam as sociedades africanas: “A complementaridade Homem-Mulher”. (BADOU, 2010, p. 69).

Rami ainda sem saber do paradeiro do seu marido, de frente ao espelho faz seu desabafo com a mulher que aparece do outro lado. Assusta-se, pois, com própria imagem refletida. Nesse momento, podemos entender que a imagem vem da imaginação de Rami, do seu inconsciente que gostaria que a personagem se recordasse do corpo que teve no passado, da sua alegria em cantar que a deixava feliz. Rami antes do casamento de solidão era só sorrisos, cantarolava músicas que aprendeu quando criança.

Por que tu danças espelho meu?  
Celebro o amor e a vida. Dançar sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças?  
(CHIZIANE, 2004, p. 16)

## 1.2 A relação de poligamia em Moçambique

A poligamia é a traição e especialmente, a solidão e a infelicidade de Rami são vistas no relacionamento da personagem e narradora é o início de toda a confusão entre as personagens femininas.

Entretanto, a poligamia é praticada pelos moçambicanos do Norte sendo tradicional essa prática na região. No Sul a poligamia também é tradição, apesar de seguirem os costumes cristãos, onde pregam a monogamia entre às famílias. A narradora enfatiza os costumes do povo cristão que seguem a religião e não aceitam a poligamia: “Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no Papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia”. (CHIZIANE, 2004, p. 92)

Segundo Miranda a personagem Rami busca orientar as demais esposas a conhecerem seus direitos, mostra a elas que juntas podem fazer muito mais barulho contra homens opressores dentro do casamento.

a contradição da prática da poligamia numa sociedade oficialmente monogâmica que mobiliza a personagem-narradora Rami, que a faz confrontar valores axiológicos ocidentais cristãos, levados pelo colonizador, e os valores culturais africanos que acabam tendo predominância no comportamento de Tony. (MIRANDA, 2010, p. 111).

Rami se vê confrontada com a situação, desejara ter um casamento monogâmico.

A autora traz o momento em que Rami vai questionar Tony por suas “escapadas” no casamento, e ele ao responder mostra o quanto é machista em relação a Rami.

- Tony. Porque te ausentas?  
Estás a me trair, não é?  
Incomodo.  
- Traição é crime, Tony!  
Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino.  
Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.  
O quê?  
Deixa-me dormir.  
(CHIZIANE, 2004, p. 29).

A personagem Rami por estar num momento de fragilidade e solidão, sem saber como resolver os problemas de traição no seu casamento percebe que em sua família nunca houve quem um dia tenha falado sobre o homem trair sua esposa. Nem mesmo sobre a origem e a prática da poligamia.

“Nunca ninguém me disse a origem da poligamia. Por que é que a igreja proibiu estas práticas tão vitais para a harmonia de um lar?” (CHIZIANE, 2004, p. 45).

Rami destaca o seu casamento que enfrenta uma turbulência, onde ela não estava sabendo resolver, decide ouvir conselhos das personagens femininas que fazem parte da família dela. A mãe de Rami explica como foi o seu casamento e o seu papel de esposa. “Um marido é como um bode, gosta de pastar longe, mas sempre volta à toca” (CHIZIANE, 2004, p.99). A tia Maria também explica o significado da poligamia na vida dela. “Filha minha, a vida é uma eterna partilha”. (CHIZIANE, 2004, p. 70). A sogra de Rami é a favor da poligamia. “Grita não contra o novo costume de ter uma esposa à luz e várias concubinas, com filhos escondidos”. (CHIZIANE, 2004, p. 123). Ao que podemos perceber nos relatos das personagens mais velhas e experientes no assunto, histórias compartilhadas por elas que preferiram respeitar as tradições das famílias que as preparou para o casamento.

Segundo Bourdieu (1998) a ordem masculina está inscrita nas coisas, se inscreve nos corpos por meio de injunções tácitas, visíveis nas divisões do trabalho e rituais coletivos: um exemplo, as regularidades de ordem física e regularidades de ordem social, que excluem as mulheres das tarefas mais nobres.

Conforme as personagens amantes vão sendo apresentadas e suas histórias contadas, vamos percebendo a diversidade cultural de Moçambique através de cada uma delas. Cada personagem vem de um lugar que segue uma religião, costumes: “É à medida que as personagens vão sendo apresentadas na narrativa que as culturas vão aparecendo.” (MIRANDA, 2010, p. 112).

A narradora mostra a sogra de Rami ensinando os costumes de Moçambique para as novas noras. Ela ganha poder na família para repassar os costumes a serem seguidos pelas mulheres de seus filhos. Todas essas informações passadas pela sogra evidenciam a tradição a ser seguida, a mulher é quem serve o seu marido. Percebemos, também, nesse trecho o apagamento da mulher, o homem é a figura principal da casa.

Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca o servir na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe. (CHIZIANE, 2004, p. 126).

O capítulo quatro é quando Rami vai ao encontro da conselheira amorosa, na conversa podemos perceber traços da cultura daquele povo:



Continuamos na conversa banal. Falamos de tradições e de culturas. E contamos histórias de amor à macua. De namoros na sua aldeia. Dos ritos de passagem.

[...]

As culturas são fronteiras invisíveis construindo a fortaleza do mundo. Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com o amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão. Esposa é água que se serve ao caminhante, ao visitante. A relação de amor é uma pegada na areia do mar que as ondas apagam. Mas deixa marcas. Uma só família pode ser um mosaico de cores e raças de acordo com o tipo de visitas que a família tem, porque mulher é fertilidade. (CHIZIANE, 2004, p. 34-35, 39)

As cinco mulheres do Tony são a representação cultural de norte a sul do Moçambique, cada uma de um lugar, com suas crenças, sua língua falada: “Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem.” (CHIZIANE, 2004, p. 161)

## 2. CONTEXTO SOCIAL

### 2.1 As amantes de Tony

As personagens, que integram o relacionamento polígamo com Tony começa por Julieta, mulher do Sul de Moçambique, foi enganada jovem, tem cinco filhos do Tony e mais um na barriga. — “Ah, o Tony, boca de mel, coração de fel — diz a Julieta. Ele é o responsável pelo meu desespero. Enganou-me e deixou-me nesta desgraça”. (CHIZIANE, 2004, p. 104)

A Luísa é da Zambézia, região ao Norte de Moçambique, onde não há muitos homens, pois estes migram e não voltam mais. “— Cá por mim — diz a Luísa —, nem tudo é mau. Deu-me filhos maravilhosos. Presta-me atenção, sempre que pode.” (CHIZIANE, 2004, p. 104).

A Saly é maconde, de um outro povo do Norte, de Cabo Delgado, Mauá é a mais amada, apenas de momento. Salue é macua, de origem monogâmica, mas o povo transformou-se em polígamo com a chegada dos muçulmanos.

— Família? — pergunta a Saly furibunda. — Ninhos de pássaros, isso sim. Feitos a correr sem a menor estrutura. Ovos desprotegidos. Ovos caídos. Ovos podres, marginais. Que futuro esperamos para estes nossos filhos? Não conhecem nem tias, nem avôs, vivendo escondidos como toupeiras, sem pai presente, sem referências. Apenas gente que cresce para encher o mundo. (CHIZIANE, 2004, p. 104)

Além das quatro esposas que um dia eram amantes de Tony surge Eva como suspeita de ser nova amante. A doutora, estudada é de Palma, Maconde do canto norte. Ela trabalha numa empresa, onde a própria comanda funcionários homens, não depende de homem financeiramente, é divorciada. A personagem Rami, antes de saber que Tony arrumou mais uma amante, chama o seu casamento de pontos de constelação devido ao marido ser polígamo.

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu Rami, sou a primeira-dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida, é a quarta. Finalmente, a Mauá Sualé, amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004:58)

Como explica Miranda (2010):

Entre todas as esposas de Tony, as duas ímpares são Rami, de formação ocidental, monogâmica, criada para servir ao homem. E Eva, a mulata do norte no outro extremo, mulher independente, mas amaldiçoada na cultura moçambicana abandonada pelo marido por ser estéril. Julieta, Luísa, Saly e Mauá são de culturas que, de uma forma ou outra, convivem com a poligamia. (MIRANDA, 2010, p. 5)

Com a descoberta das amantes, Rami tenta juntá-las para uma reunião, apesar da desconfiança de cada uma delas, a personagem principal explica suas intenções para que todas possam viver sem brigas.

Assim que a personagem Rami descobriu quem era cada uma das amantes do Tony, havia por parte de cada mulher um receio de acreditar nas boas intenções de Rami em juntá-las. Na primeira reunião organizada por Rami, elas permanecem com olhares desconfiados, mas Rami, tomando a liderança, esclarece:

Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão da vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (CHIZIANE, 2004, p.105)

Ainda sobre as mulheres do Tony, Badou (2010) apresenta Tony como quem transformou um hexágono em octógono, sendo elas Eva e Gaby.

—A Mauá é o meu franguinho — diz —, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. (...) Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. (...) A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. (...) A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. (...) É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. (CHIZIANE, 2004, p. 119)

As esposas de Tony antes de iniciarem seus trabalhos informais, cuidavam das coisas de casa, da comida do marido com todo zelo para que ele não tivesse motivos para reclamar de nenhuma delas. Por isso, elas se revezavam com a visita do Tony em suas casas, as melhores carnes eram sempre servidas para ele de joelhos.

Conforme afirma Robson Dutra em seu artigo que elas:

Deliberam sobre os dias de visita do marido, separam para ele as melhores porções das refeições que cozinham e desdobram-se em cuidados especiais. Por isso, exigem que Tony desempenhe suas funções conjugais eficazmente e encene a poligamia que ele próprio buscou. (DUTRA, 2005, p. 43)

As mulheres de Tony estão divididas por regiões, no Sul tem a Julieta (Inhambane). A Mauá Salué (Macua) de Nampula no Norte, a Saly (Maconde) de Cabo Delgado no Norte e a Luísa (Sena) da Zambézia no centro – Norte. Contando-nos, assim, um pouco da cultura de seus povos.

— A nossa sociedade do norte é mais humana — explica a Mauá — A mulher tem direito à felicidade e a vida. Vivemos com um homem enquanto nos faz

feliz. Se estamos aqui, é porque a harmonia ainda existe. Se um dia o amor acabar, partimos à busca de outros mundos, com a mesma liberdade dos homens. (CHIZIANE, 2004, p. 175)

Chiziane fala que as mulheres do Sul têm um olhar triste, perdidas, não conhecem o amor próprio, vivem presas dentro delas. Não foram educadas para serem felizes, mas sim para satisfazerem o outro.

No Sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e vida. No Sul as mulheres são tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa. Inseguras. Não conhecem a alegria de viver. (CHIZIANE, 2004, p. 175).

## 2.2 Relação entre Rami e as amantes de Tony

Rami e as demais esposas criam um laço de irmandade entre elas, mas isso só ocorreu depois que a personagem central passou pela conselheira amorosa, feitiços, conselhos da mãe, da tia Maria, das vizinhas. Ela não é a favor da poligamia, porém vê-a como única forma de estar perto do marido.

Fiz uma sondagem de opinião à volta da minha história. Perguntei às mulheres: o que acham da poligamia? Elas reagiram como gasolina na presença de um pavio aceso. Explosão, chamas, lágrimas, feridas, cicatrizes. A poligamia é uma cruz. Um calvário. Um inferno. Um braseiro. E cada uma conta a sua história, trágica, fantástica, comovente. (CHIZIANE, 2004, p. 102)

Rami pede às suas rivais um momento de pausa em relação a brigas, para que possam se unir em comum acordo. Ela fala para as mulheres o quanto é preciso entrar em um entendimento, pois cada uma delas são carentes de amor.

— Somos éguas perdidas galopando a vida, recebendo migalhas, suportando intempéries, guerreando-nos umas às outras. O tempo passa, e um dia todas seremos esquecidas. Cada uma de nós é um ramo solto, uma folha morta, ao sabor do vento — explica. — Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (CHIZIANE, 2004, p. 105)

Os aspectos feministas da obra são identificados na citação acima que destaca a forma como as mulheres do personagem masculino central são tratadas dentro do casamento. As cinco mulheres do Tony até entenderem que seria muito melhor para elas estarem juntas e unidas do que quando souberam da existência uma das outras que viviam a brigar pelas ruas pelo Tony. Voltando aos

aspectos feministas, as mulheres enquanto esposas de Tony e obedientes aos seus pedidos recebiam tratamento de inferioridade, o que para o feminismo isso não pode acontecer, pois a mulher deve e merece ter os mesmos direitos do homem.

Uma escritora feminista que relata muito bem o feminismo nos seus livros Chimamanda Ngozi Adichie conta que quando criança queria ser a monitora da classe dela, mas para isso teria que conseguir alcançar a maior nota da sala. E conseguiu, a professora disse que o cargo seria para meninos, entretanto havia esquecido deste detalhe tão óbvio para ela.

O primeiro momento deixa claro que as quatro esposas são reconhecidas, tomaram para elas toda luta de Rami, que defende a mulher como um ser grandioso e que merece da sociedade o seu devido respeito. Ao iniciar a primeira reunião organizada por Tony, ele expõe a toda família das mulheres o desrespeito das esposas para com o marido que merece ser bem cuidado, mas que nos últimos momentos não recebia mais o mesmo tratamento de rei.

— Reuniram-nos aqui para falar de moelas de galinha? Que crime cometemos nós? Queríamos como família unida oferecer ao nosso homem uma orgia de amor. Esses são assuntos de dentro do quarto, não podem interessar à família inteira. Se brigássemos umas com as outras, censuravam-nos por sermos ciumentas. Agora que nos unimos, por que nos condenam? (CHIZIANE, 2004, p. 154-155)

Tony decide pedir o divórcio a Rami, pois a considera culpada por todos os conflitos causados na família polígama. Nessa situação, se percebe nitidamente o empenho das demais mulheres em defesa de Rami, reforçam o quanto ela foi importante na vida de cada uma e dos filhos.

— A minha segurança és tu, Rami — a Ju entra em delírio:—, a tua saída deste grupo é o meu fim. Os meus filhos eram cogumelos que o vento fazia crescer. Eram órfãos, nascidos do sexo sem paixão. Os meus filhos só conheciam o pão, não conheciam o amor. (CHIZIANE, 2004, p. 173)

A personagem Rami também demonstra afeto para com as suas antigas rivais, pois é como se tornaram amigas. A parceria entre Rami e as demais esposas virou uma irmandade. Ela buscou fortalecer os laços entre todas as esposas pois entendia que eram sofridas, enganadas, sem direitos. Conforme a relação se fortalecia entre as esposas e Rami, mais cuidados e preocupações para com os filhos e esposas era visto por parte de Rami. A personagem central ganhou além da confiança das outras esposas, ganhou amigas que não a deixavam mais na solidão, saíam juntas para vender roupas no mercado da cidade, reuniam-se para falar dos filhos, acompanhar os passos do marido. Rami apesar

de ter tido um papel importante na vida das esposas reconhecidas, aprendeu muitas coisas com elas em relação a cultura, religiosidade, política.

Estou do lado das mulheres que lutam, que vencem, mulheres que perdem, que vacilam, que tombam. Sou mais uma que abraça o ar no beijo das nuvens e lança um riso mais doce que o arrulhar dos pombos, na saudação do sol de cada dia. Sou mulher como as demais. (CHIZIANE, 2004, p. 166).

### 2.3 “Hexágono Amoroso”

A relação no Hexágono amoroso entendesse como a soma do número de esposas mais o marido Tony, por isso hexágono, cinco mulheres e um marido. É constituído a partir do momento em que Rami pede para que suas rivais sejam emancipadas. A mãe de Tony, ao saber das outras noras, exige que elas sejam loboladas e assim seja dado a cada família das esposas um valor em dinheiro ou gado constituindo assim a celebração cultural.

A minha sogra andou esvoaçando entre casas e caminhos. Visita as novas noras, os netos, e distribui rebuçados e chocolates. Conquista-os. Visita os irmãos, filhos, famílias. Busca aliados e consensos. Fala de boca em boca. Busca votos de confiança. Faz a campanha a favor da família alargada, as noras devem ser loboladas. Não é de mim que eu falo, dizia ela. Fala em nome das crianças que crescem marginalizadas, sem conhecer as suas origens. Fala em nome daquelas mulheres pescadas no deserto da vida, produzindo almas que engrandecem esta família, mas que vivem à margem da sombra que lhes pertence. (CHIZIANE, 2004, p. 123).

Após as amantes terem sido reconhecidas como esposas, ao serem loboladas, o marido polígamo passou a se sentir incomodado com o entra e sai da casa dele com Rami, percebeu que as mulheres estavam unidas, trabalhavam e, por isso, deixaram de cuidar dele como cuidavam antes da descoberta da poligamia: “Começou a procissão das mães e das crianças. O Tony já não aguentava, fugia deles. Rami, aguenta tu com essa gentalha.” (CHIZIANE, 2004, p. 117)

O personagem Tony foi perdendo o seu papel de homem desejado, passou a ser esquecido por suas mulheres que se ausentavam para trabalhar e cuidar de si mesmas. Até que Luísa sai do círculo de poligamia, os avisa que irá casar-se com Vito. Depois de Luísa, as demais foram tomando as mesmas decisões em busca da felicidade sem nenhum medo.

— Deus me acuda, vocês me matam. Fui um homem ávido da vida, mas agora não sou. Estou muito cansado de tanto amar e de tanto sofrer. Por favor, vos imploro, não me deem esse castigo. Não posso viver emoções fortes, sabem disso. É a minha vida, é a minha saúde. Já amei muito nesta vida. Casei muito, agora basta. (CHIZIANE, 2004, p. 321).

O marido polígamo foi de homem desejado a um homem largado, ele que usava do seu título de doutor da polícia para dar em cima de todas as mulheres que ele quisesse. Não soube amar, nem cuidar de suas esposas na relação de poligamia. Foi o principal culpado por ter sido abandonado por suas mulheres:

Tony em nome das leis da natureza, do instinto humano, destrói o seu lar – para não dizer os seus lares – de maneira irresponsável, gerando sofrimento, solidão. Ele é a imagem de vários outros protagonistas que para satisfazer os seus egos, colecionam mulheres como se fossem objetos de arte. (BADOU, 2010, p. 93).

## 2.4 As transformações de Rami

Rami se reconstrói com suas idas ao espelho, suas reflexões e indagações a respeito da sua vida de casada, supera o medo da solidão para viver a sua versão guerreira, que sabe o quer. Foi graças à Luísa que emprestou seu amante para deitar-se com Rami dando a ela uma noite de amor e prazer que Rami saiu da casa da Luísa flutuando. Estava imensamente feliz pela noite de amor que os próprios filhos perceberam e a felicitaram concordando com o seu ato.

Da soleira da porta surge a Luísa, sorridente. De bandeja na mão parecia servente. Trazia-me o café quente. Parecia uma mãe de biberon na mão, preocupada com o seu menino.

—Sinto tanta vergonha!

—Oh, Rami, não cometeste crime nenhum.

— Isto é adultério.

Há quanto tempo esperas por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. A Lu acompanha-me até a casa. Caminho serpenteando com a fluidez da água, hoje o sol veste um azul novo. A minha alma voa alto, elevada por asas invisíveis.

—Finalmente, mãe—gritaram eles —, abandonaste o teu casulo de viúva, foste à rua viver a vida, arejar, oxigenar-te, revigorar. (CHIZIANE, 2004, p. 88)

Um momento muito lindo por parte da personagem Rami é quando ela decide usar um dinheiro guardado para emergência resolve emprestar para Saly investir nos seus negócios, devolveria com juros assim que reouvesse o valor pagará a Rami. “Peguei num dinheiro que tinha guardado e

emprestei a Saly que comprava cereais em sacos e vendia em copos nos mercados suburbanos. Dois meses depois, ela devolvia-me o dinheiro com juros e uma prenda”. (CHIZIANE, 2004, p. 118)

Peguei num dinheiro que tinha guardado e emprestei  
a Saly Comprava cereais em sacos e vendia em copos  
nos mercados suburbanos. Dois meses depois,  
ela devolvia-me  
o dinheiro com juros e uma prenda.  
(CHIZIANE, 2004, p. 118)

Rami tem um significado de “irmã mais velha” para as demais mulheres de Tony, ela é quem foi mostrando possibilidades de ser feliz, ser mulher numa sociedade extremamente machista. Com a ajuda de Rami, as mulheres perceberam suas forças individuais, mas também a força em grupo. O valor da partilha pelo próximo, respeito pela dor da outra. Foi após essa união de mulheres que elas se mostraram afrontosas para o marido.

Tu és a nossa estrela, mas os planetas também brilham, iluminam e fazem  
sorrir.  
— Desde quando vocês me afrontam?  
— Desde hoje, agora, e assim será.  
— Com que direito?  
— Com o direito que a poligamia nos confere. (CHIZIANE, 2004, p. 141)

Tony chega a pedir o divórcio a Rami e ela não aceita. Ainda assim, no dia seguinte, aparece um advogado na casa e ela reage com toda fúria ao ouvir do advogado que a culpa pelo divórcio é toda dela. A personagem principal ataca-o e bota o advogado para correr, uma situação um tanto nova para ela como mulher que nunca dirigiu a palavra a um homem sem que fosse concedida uma permissão. “Homem da justiça, que justiça? Vai, diz ao Tony que o aguardo com um punhal na mão. Que venha! Dou-lhe mais um arranhão. Se ele retribuir a agressão haverá confusão, prometo. (CHIZIANE, 2004, p. 170)

Depois de ser abandonado por suas mulheres, Tony tem a ajuda apenas de Rami que num momento de mal-estar é ela quem o leva para o hospital. E quem dá as informações do seu marido ao médico, mas é surpreendida mais uma vez com as atitudes machistas do marido.

— Fecha essa boca! Como podes tu falar da minha intimidade a qualquer um,  
se nunca te admiti? Como teu marido não permito que te comportes como



qualquer peixeira. És mulher e deves pôr-te no teu lugar, e da minha saúde cuido eu.

Fico indignada. Eu sou aquela que rasgou a madrugada passo a passo. Sou aquela que desafiou o vento, destapou as nuvens e afastou o tormento. (CHIZIANE, 2004, p. 285)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho houve em maior destaque as situações que pudessem confirmar as intenções femininas da autora Paulina Chiziane na construção da personagem Rami. A escrita da autora revela um maior espaço para mostrar como as mulheres africanas, moçambicanas vivem. No capítulo 2.2 que destaca a relação entre Rami e as amantes de Tony podemos perceber aspectos feministas na obra, a citação mostra o quanto a mulher é apagada, sem direito a falar, sem dignidade na sociedade que as oprime.

O que foi percebido é um povo que faz questão de seguir as suas tradições em meio a modernidade que se instala entre eles, mas que não os permite abrir mão dos rituais e celebrações, ainda que não seja liberado. Conclui-se que as mulheres do Sul ou Norte foram representadas para denominar a cultura, costumes e toda a tradição do povo de Moçambique.

A personagem Rami além de narradora, ganhou voz, encorajou as demais esposas a enfrentarem as dificuldades de ser mulher numa sociedade machista. A autora Chiziane com sua escrita toca no fundo da alma da mulher moçambicana com sua personagem, com sua doçura que é percebida através da personagem Rami, pode-se dizer que conhecemos um pouco da autora. Por isso, seus escritos chamam a atenção de toda uma sociedade que hora pede pela tradição, hora pela modernidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. 1. Ed. Trad. Christina Baum. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1971.

ROBERT, B. K. A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em **Niketche** de Paulina Chiziane, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel; org. *A dominação masculina revisitada*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1998, p. 11-27.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*, 2ª ed, tradução Maria Helena Kuhner, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAVALCANTE, Scheilla Graziella Cayô. *Uma História de poligamia, de Paulina Chiziane*, Cadernos CESPUC, Belo Horizonte, n.27, 2015.

CHIZIANE, P. *Niketche: Uma História de Poligamia*. Editora Companhia das Letras. São Paulo. 2004.

CORREA, Eloísa Porto. *A Ascensão Feminina em Niketche*. Caderno semanal digital, ano 14, V 10, (jul /dez 2008) – INSS1806 – 9142, UERJ / USS.

CRUZ, C. K. F. P. da. *Paulina Chiziane – Contadora de histórias, Uma análise de “As cicatrizes do amor”*. Monografia. Universidade de Brasília, 2014.

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. *Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: escritas de resistência*. 2013. 216f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

DUTRA, R. L. *Niketche e os vários passos de uma dança*. Anais da Anpoll, Rio de Janeiro, p. 1294-1305, 2005.

\_\_\_\_\_. Entrevista na Fliporto: Trilhas da Diáspora: Literatura em África e América Latina. 2008. [<http://blog.fliporto.net>].

GOTLIB, Nádía Batella.(org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. vol. 3. p. 42-55.

KRAMER, H.; SPRENGER, J.. Malleus Maleficarum. *O Martelo das Feiticeiras*. Editora BestBolso. 3ª Edição. Rio de Janeiro. 2016.

MIRANDA, M. G. de. *Niketche: Uma História de Rupturas ou o Feminino em Constante Desafio*. Artigo Científico. e-escrita: Revista do Curso de Letras da Uniabeu Centro Universitário. ISSN 2177-6288. Páginas 108-115. Nilópolis. 2010.

RODRIGUES, L. S. da. *Questões de gênero e cidadania no romance Niketche de Paulina Chiziane*. Poiésis: Revista do programa de pós - graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão, Número ESPECIAL: SIMFOP/EDUCS, p. 19 - 32, Jul./ Dez. 2012.

ROBERT, B. K. *A Consciência da Subalternidade: Trajetória da Personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

SANTOS, T. R. dos. *Rastros da História Colonial na Literatura de Paulina Chiziane*. Anual Literário. ISSN 2175-7917. V. 23, n.1. Páginas 99-112. Florianópolis. 2018.

SECCO, C. T. *O Índico – Um oceano de multiculturalidades, imaginação literária e insularidades*. Revista: Remate de males; Campinas – SP, V. 38, nº1, pp. 147 – 160, jan / jun. 2018.

\_\_\_\_\_. “Ser escritora é uma ousadia!!!”. 2002. Rogério Manjate. Entrevista publicada na Maderazinco. Revista Literária Moçambicana. [http://www.maderazinco.tropical.co.mz].

SERRANO, C.; WALDMAN, M. Memória D’ África. *A Temática Africana em Sala de Aula*. Cortez Editora. 3ª Edição. São Paulo. 2013.

SERRANO, C.; WALDMAN, M.. Memória D’ África. *A Temática Africana em Sala de Aula*. Cortez Editora. 3ª Edição. São Paulo. 2013.

SILVA, C.R.M. da. *Xiboniboni: A metáfora dos espelhos em Niketche, de Paulina Chiziane*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 118 f; 30 cm. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras.

SILVA, J. F. da. *Mulheres Moçambicanas em Niketche: Uma história de poligamia, de Paulina Chiziane: (Des) Semelhanças*. Seminário Internacional Fazendo Gênero.

TAIBO, R.M.M. *Lobolo(s) no Moçambique contemporâneo: Mudança Social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Paraná. 2012.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. *Narrativas da Moçambicanidade. Os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

